

José Diomar Bandeira

*Uma bola, um menino
e uma paixão*
Homenagem ao Rei Pelé

editora
unoesc

© 2023 Editora Unoesc
Direitos desta edição reservados à Editora Unoesc
É proibida a reprodução desta obra, de toda ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios, sem a
permissão expressa da editora.
Fone: (49) 3551-2065 - www.unoesc.edu.br - editora@unoesc.edu.br

Editora Unoesc

Coordenação
Tiago de Matia

Agente administrativa: Simone Dal Moro
Revisão linguística: Carlos Libman
Projeto gráfico e capa: Simone Dal Moro
Diagramação: Simone Dal Moro

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

B214u Bandeira, José Diomar.
Uma bola, um menino e uma paixão: homenagem
ao Rei Pelé / José Diomar Bandeira. – Joaçaba: Edit-
ora Unoesc, 2023.
72 p. ; 23 cm

ISBN (e-book): 978-85-98084-44-2
ISBN: 978-85-98084-45-9

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.1

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca da Unoesc de Joaçaba

Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc

Reitor

Ricardo Antonio De Marco

Vice-reitores de Campi

Campus de Chapecó

Carlos Eduardo Carvalho

Campus de São Miguel do Oeste

Vitor Carlos D'Agostini

Campus de Videira

Carla Fabiana Cazella

Campus de Xanxerê

Genesio Téo

Pró-reitora de Ensino
Lindamir Secchi Gadler

Pró-reitor de Pesquisa, Pós-Gradu-
ação, Extensão e Inovação
Kurt Schneider

Diretor Executivo
Jarlei Sartori

Conselho Editorial

Tiago de Matia
Sandra Fachineto
Aline Pertile Remor
Lisandra Antunes de Oliveira
Marilda Pasqual Schneider
Claudio Luiz Orço
Ieda Margarete Oro

Silvio Santos Junior
Carlos Luiz Strapazzon
Wilson Antônio Steinmetz
César Milton Baratto
Marconi Januário
Marceli Maccari
Daniele Cristine Beuron



Agradecimentos

Meus mais profundos agradecimentos a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, ajudaram-me nesse projeto. Em especial, a minha esposa Lira Heckler.

Um abraço a todos e boa leitura.



Prefácio

José Diomar Bandeira, Juca, como é chamado por seus amigos e familiares, ora é poeta, ora é filósofo, escreve poesias falando de amores e paixões, de uma profundidade tal que eu me sinto até pequena em dimensionar seus magníficos poemas, que desencravam os sentimentos mais agudos no ser humano.

Lançou seu primeiro livro: "O lápis, o papel e eu".

E agora, sua segunda obra que nos reponta a apreciar a vida e os seus movimentos, como neste quarteto ou quadra do poema "Rua":

I

A rua é de todos
nesse vai e vem
se bem que eu queria
que fosse só dela...

II

Pra mim ver de longe
ela desfilando
transformava a rua
numa passarela...

Tive o privilégio de conhecer esse ser humano tão especial, que escreve suas poesias com tanta leveza e candura, como ele próprio diz: "Nas terras férteis é que se colhe bons frutos."

Sou companheira e esposa de um homem tão simples, dono de um coração imaculado, sem malícia, sem ódio, só podem sair poemas incomensuráveis de uma pessoa com um coração assim.

Lira Heckler



Apresentação

Eu, Juca, como sou conhecido por meus familiares e amigos mais próximos, escrevo poemas sobre os mais diversos assuntos. Falo das paixões que desinquietam o ser humano em toda a sua existência, que é o caso deste livro, busco inspiração em infinitos pontos do universo, como as estrelas, a lua, o sol, a noite e o dia, nos meios de comunicação, rádio, tv e outros, enfim... no dia a dia.

Tenho algumas musas específicas, fontes inesgotáveis para as minhas poesias, que adentram meus pensamentos e que me inspiram apenas com um gesto, um sorriso, um bom-dia, um conto.

Sinto-me realizado em trabalhar essas paixões por meio da escrita, de forma bem simples e de fácil compreensão. Embora sejam paixões de outros, escrevo como se eu tivesse vivido aquela situação.

Costumo brincar com os meus familiares que do nada se faz um poema, e isso só prova que o nada não existe.

José Diomar Bandeira
Escritor-poeta



Sumário

Agradecimentos	3
Prefácio	5
Apresentação	7
Sumário	9
A chuva	11
A dança	12
A mesma paixão	13
A paixão que não tive	14
A sombra	15
Abaixo de zero	16
Ainda me dói	17
Alguns dias	18
Amante das letras	19
Amor discreto	20
Analfabeto	21
Arcano*	22
As palavras ficam	23
Ausência dela	24
Bagual sem cancha	25
Ciência	27
De novo	28
Encontro com ela	29
Encontro de poetas	30
Eu o rancho e a chaleira	31
Fim do namoro	32
Há tempo	33
Manuscrito	34
Meias palavras	35
Meio	36
Meio tapeado	37



Mensagem direta	38
Meu checape	39
Meus dias.....	40
Meus pelegos	41
Meus versos.....	42
Perigo	43
Poemas da noite	44
Porteiro.....	45
Primeiras palavras	46
Quantos poemas.....	47
Radar.....	48
Rangir da porteira	49
Restos de janta	50
Rua	51
Saudade crua.....	52
Se eu escrevesse.....	53
Sem esperança.....	54
Sua imagem	55
Tamanho	56
Tempos de moço	57
Texto antigo	58
Todo dia.....	59
Traição da palavra.....	60
Tranças	61
Travesseiro	62
Último poema	63
Um jovem.....	64
Um poeta.....	65
Uma bola, um menino e uma paixão.....	66
Uma garrafa.....	67
Uma noite	68
Versos caseiros	69
Versos selvagens.....	70
Viver com ela	71



A chuva

I

Aquele domingo chuvoso
naquele salão de dança
nobres momentos gostosos
nos dói na alma a lembrança
dançávamos tão juntinhos
valsa e vanerão solados
contagiados pelos carinhos
éramos os mais amados...

II

Vinte e sete de setembro
do ano dois mil e nove
de você prenda me lembro
e a saudade me comove
quantas valsas e vaneiras
eu flutuava em seus braços
êta mulher dançadeira
conduzi-me passo a passo...

III

Pensando em você eu vivo
ainda que aos poucos morrendo
pois vale a pena os motivos
ver que o tempo está chovendo
tanta neblina lá fora
chuva que nos abençoava
sinto seu vulto agora
em valsas que nós dançava...

IV

Amar é igual tempestade
depois de chuvas bonanças*
juramos fidelidades
impregnamos lembranças
jamais amaremos alguém
com tamanha intensidade
parece forças do além
nos dando vitalidade...

V

Passei contigo a sonhar
esse amor não envelhece
é como estrela a brilhar
que ao chover desaparece
mas esse amor é tão puro
que nunca vai se apagar
te amo confesso e juro
pra sempre eu hei de te amar...

*bonança= tranquilidade, calma

A dança

I

Tu danças com ele
pensando em mim
eu danço com ela
pensando em você
será que o destino
que nos quis assim
de olhos vendados
sonhando em nos ver....

II

De rostos colados
e os falsos sorrisos
machucando a alma
de dois indecisos
fingimos tão bem
de estarmos contentes
onde não há futuro
passado e presente...

III

Ao dançar com ela
sinto seu calor
e cheiro que exala
fragrância de amor
essa mesma cena
és vivida por ti
às vezes tão longe
e tão perto daqui...

IV

No embalo da dança
há suspiros doídos
corações que sofrem
um amor proibido
traíçoeiro destino
de alguém que se ama
nas cinzas das brasas
calorosas chamas...

V

Na dança da vida
vivemos assim
sofrendo a tortura
por um grande amor
na ânsia que um dia
tudo chegue ao fim
na paz nos livrando
de tamanha dor...



A mesma paixão

I

Os tempos passaram
e a paixão ficou
eu ainda sinto
a mesma por ti
nada é eterno
eu tenho consciência
mas essa paixão
permanece aqui...

II

Para mim você é
aquela menina
do tempo de outrora
que não esqueci
a bem da verdade
nos envelhecemos
porém o passado
eu não envelheci...

III

A mesma paixão
continua jovem
a paixão mais linda
que até então vivi
volte um pouco atrás
raciocine comigo
sou aquela criança
parei não cresci...

IV

É a paixão mais pura
de que tenho lembrança
em confronto à tristeza
ela me faz sorri
para compartilhar
esse sentimento
nesse breve poema
a paixão escrevi...

V

Cada letra que tem
no pequeno poema
que formam palavras
falando de ti
não falhei nenhuma
te dou toda a certeza
depois de montadas
várias vezes eu li...

A paixão que não tive

I

Pela paixão que não tenho
por ela sou condenado
na poesia desenho
e volto assim ao passado
a uma musa o empenho
me sai esse tracejado
ela na mente eu contendo
e com ela não fui casado...

II

Minha mulher não aceita
que eu tenha essa ligação
e o meu poema rejeita
sem conhecer a razão
mas minha mente na espreita
embora sem a paixão
nos versos frases ajeita
e aí os poemas se vão...

III

Poema que tenho feito
nem eu consigo entender
me pondo dores no peito
e a ciência sem conhecer
quantas paixões eu rejeito
com uma só vou viver
porém a que eu não aceito
é a que me inspira a escrever...



A sombra

I

Se eu fosse a sombra
a proteger ela
dos raios solares
no seu dia a dia
estaria mais próximo
de seu corpo bronzeado
quem sabe em contato
com sua pele macia...

II

Ela na garoa
eu fosse o guarda-chuva
pequena cabana
protegendo enfim
suas mãos delicadas
cheias de ternuras
sentindo o calor
delas tocando em mim...

III

Fosse a claridade
da lua nas noites
iluminando os passos
dela a caminhar
indo nas baladas
eu me sentia junto
parava no tempo
até ela voltar...

IV

Fosse noites escuras
para ela dormir
descansar seu corpo
a revigorar
no fim da manhã
eu voltava a ser lua
clareando de novo
o seu despertar...

V

Se ela ir à praia
eu fosse o oceano
curvas de seu corpo
lá eu a banhar
me evaporaria
transformando em nuvens
projetando sombra
se ela desejar...

Abaixo de zero

I

Abaixo de zero
é a temperatura
que durmo sozinho
sem ela na cama
o frio não perdoa
nem ela nem eu
hoje separados
vivemos esse drama...

II

Se arrependimento matasse
já tínhamos morrido
sinto a falta dela
ela sente de mim
somos dois bobocas
que por briga à toa
um casamento sólido
preferimos o fim...

III

Ela voltar atrás
deve ter vergonha
eu errar de novo
é claro que não quero
o jeito é encarar
esse inverno danado
com temperaturas
abaixo de zero....



Ainda me dói

I

Ainda me dói
ver você com outro
não tirei ainda
do meu coração
o triste desfecho
do nosso romance
para mim tem um nome
se chama traição...

II

Me envolver com outra
não me envolvo mais
mulher para mim
é só decepção
deixo registrado
aqui no poema
motivo pelo qual
vivo solteirão...

III

Não tenho morada
a casa é o meu chapéu
nas minhas andanças
sem norte ou razão
o que eu posso dizer
ainda com clareza
que tenho no peito
uma velha paixão...

Alguns dias

I

Fiquei alguns dias
sem compor poemas
eu tirei você
do meu pensamento
minha liberdade
durou muito pouco
voltei de imediato
ser o seu detento...

II

Só dei um descanso
à minha memória
voltei com mais forças
de novo a escrever
piorou a ansiedade
a falta de você
pois não vejo a hora
em voltar a te ver....

III

Essa ligação
que tenho convosco
se tivesse um jeito
de ignorar
eu vivo com outra
não há nada entre nós
não sei o porquê
de tanto te amar...



Amante das letras

I

Sou amante das letras
não discrimino palavras
em minhas poesias
eu falo de tudo
sofro e faço sofrer
a quem lê as escritas
pra piorar não existe
para alma um escudo...

II

As letrinhas atingem
toda alma direta
provocando anseios
lá no seu interior
remexendo paixões
que viveu ou ainda vive
lhe tortura em saber
que é sem cura essa dor...

III

Mas como poeta
eu tenho que citar
as palavras estão aí
para serem faladas
a letra por si só
não atinge ninguém
nos veremos em apuros
depois de montadas...

IV

Tirar letras que ferem
desvirtua o contexto
fico em desarmonia
com a minha consciência
tenham tolerância
eu sei que é sofrido
viver esse meio
em nossa existência...

Amor discreto

I

Liguei para ela
deu caixa postal
não deixei recado
não acho correto
esse amor que vivo
eu não posso expor
ele é clandestino
tem que ser discreto...

II

Oficializar
esse amor tão lindo
eu tenho pensado
de como fazer
hoje sou casado
ela ainda não
será que minha esposa
vai nos entender...

III

Qualquer ligação
no meu celular
atendo depressa
pode ser pra mim
se a mulher atende
e percebe que é ela
esse amor discreto
pode ser o fim...



Analfabeto

I

Se eu fosse analfabeto
eu seria feliz
não dava importância
a nenhuma palavra
assim cada escrita
que em papel eu vejo
me aguça o desejo
pela mulher que eu amava...

II

Procuro se ela
escreveu para mim
toda arrependida
a dizer que me ama
quantos estudiosos
a lerem epopeias*
mas não fazem ideia
do meu triste drama...

III

Sendo analfabeto
esse sentimento
ficaria restrito
na imaginação
o maldito estudo
me fez infeliz
repetindo bis
por palavras em vão...

IV

A todas as artes
que tem pelo mundo
eu adoro todas
menos a de escrever
há anos na escola
folheando livros
em que arranjei motivos
para mim sofrer...

V

Se num piscar de olho
eu não lembrasse nada
tudo que estudei
na licenciatura
analfabeto eu teria
um pouquinho de paz
não correndo atrás
dessa criatura...

*epopeias = poesias

Arcano *

I

Amar sempre te amarei
linda tu sempre serás
dona de um lindo sorriso
casar com você eu queria
imaginei isso sempre
rezei fiz pedido ao Pai
sem conhecer os caminhos
da união que nos desviaria...

II

A ligação entre nós
nunca senti com ninguém
sempre inspirado em você
fiz a melhor poesia
é um enigma divino
por certo eu entendo assim
viver esse descaminho
pra não quebrar a magia...

III

Quem sabe eu fosse casado
com você que tanto quero
esse dom de ser poeta
meu bom Deus não me daria
o caminho dele é o mais certo
impõe nós dois no destino
você só ser minha musa
ser mulher eu não escrevia...

*arcano = brenha, segredo, mistério



As palavras ficam

I

Um dia eu me vou
e as palavras ficam
aí pelo mundo
no seu milenar
os verbos de amores
em poemas eu conjugo
são essas palavras
que almejo deixar...

II

Vim viver num mundo
de tal violência
em que uso a palavra
para apaziguar
não foi o intuito
do Pai Celestial
nos deu o legado
para nos amar...

III

Por essas escritas
faço minha parte
e espero esse amor
a se perpetuar
que a violência um dia
ela seja banida
e nesse mesmo mundo
nunca mais vingar...

IV

Somente as palavras
perpetuam o homem
independente de credo
nação ou lugar
reveja os conceitos
do seu coração
prefira as de amores
que por você vão ficar...

Ausência dela

I

A ausência dela
entre meus amigos
me calou sem jeito
há pouco a dizer
quem eu mais queria
no auge da festa
mas infelizmente
eu não pude ver....

II

Do porquê não foi
ela não me disse
sem explicação
não posso entender
bolei uns rabiscos
meio de improviso
mas pensando nela
não consegui ler...

III

Ela é paixão
por ela eu escrevo
mas sem esse aviso
pra me precaver
para mim essa festa
o início era o fim
me disse um poeta
sem nada escrever...



Bagual sem cancha

I

Mulher não me bota freio
por isso eu vivo solteiro
em bailes chego primeiro
é a vida deste bagual
ninguém me bota buçal
sou guapo de nascimento
guiado por quatro ventos
nas patas do meu cavalo
rompo o silêncio aos estalos
na busca de um sarandeio...

II

Já arrombei portas de rancho
para adentrar num fandango
por pouca coisa me zango
bem deste jeito que sou
a querência assim me criou
soltando fogo das ventas
embora nas noites bentas
pra outros noites sagradas
não tenho medo de nada
é o viver deste carancho*...

III

Parece até que tem asas
os cascos do meu matungo
caçando à noite um surungo
num rancho de chão batido
rasga o silêncio um gemido
do som de uma oito baixos
percebo um fandango macho
na beira de algum carreiro
já faço o meu paradeiro
e adentro sem ô de casa...

IV

Convido ali uma crinuda
e saio no arrasta-pé
por certo até tenho fé
embora criado bruto
Deus protege este matuto
sou cria da natureza
não diminui minha grandeza
neste viver meio louco
pra Deus sou mesmo caboclo
só minha essência é que muda...

V

Fui feito da mesma massa
meu viver é diferente
me preocupa o presente
o meu passado já era
é um rancho quase tapera
quem sabe eu chegue ao futuro
aí é um tiro no escuro
por isso que eu vivo assim
sem cancha e mulher enfim
me atirei nesta desgraça...

VI

Pra poucos minhas qualidades
pra muitos é meu defeito
porém não mudo o meu jeito
não posso ser diferente
caio num fandango quente
que nem cachaço me atraco
mostrando que não sou fraco
meio atirado sem mimo
sigo à rigor meu destino
bagual pela eternidade...

VII

Bagual assim que nem eu
nesta querência não vi
fui ímpar quando nasci
bradou* a velha parteira
este bagual sem parteira
quando o umbigo cortava
diz ela que eu não chorava
ali me mantendo forte
jogado na própria sorte
foi Deus que assim me escolheu...

VIII

Continuarei neste feito
que trago desde menino
desafiando o meu destino
não mudo o meu pensamento
se Deus me deu o talento
de certo que vou cumprir
nunca chorando vou rir
afronto também o mal
eu e um coração bagual
pulsando sangue no peito...

*carancho = pássaro, gavião

*bradou = gritou



Ciência

I

A ciência é tão sábia
mas nunca fez nada
que cure paixões
assim num repente
o mundo em que eu vivo
é um mundo de amores
em que vejo doutores
por paixões doentes...

II

Invente um remédio
mesmo paliativo
que afaste esse mal
de perto da gente
assim nosso orbe*
seria bem mais feliz
da cura a matriz
pela ciência a patente*...

III

Quantos corações
só aqui nesse tempo
por paixões passadas
lhe afetam o presente
cientistas estudem
os amores da vida
e arranquem as feridas
de dentro da gente...

*orbe = mundo

*patente = de uso permitido a todos; aberto, franqueado.

De novo

I

Vi ela de novo
dançando com outro
me abalou de novo
o meu coração
achei que jamais
ia ver essa mulher
mas à vi de novo
naquele salão...

II

Pra eu sofrer mais
veio em minha mesa
saudou-me com um gesto
apertou minha mão
falar que lhe amava
não pude dizer
estava acompanhado
naquela ocasião...

III

Se eu ver de novo
não sei o que faço
em tempos passados
ganhei dela um não
eu tocar de novo
naquela conversa
e ouvir de novo
o mesmo refrão...

IV

Olha eu de novo
escrevendo pra ela
ela é minha musa
mesmo sendo em vão
eu partir pra outra
aqui não é o caso
que eu lute por ela
me diz a razão...



Encontro com ela

I

Marquei um encontro
mas ela não veio
me vi derrotado
por essa paixão...

II

Cai na bebida
muitos não compreendem
que um homem se rende
pelo coração...

III

Que agora partido
sofrendo por ela
eu ando sem jeito
no meio do povo...

IV

Se vejo um boteco
sem querer adentro
bebaço a contento
eu bebo de novo...

V

Por muitos julgado
por ser beberrão
que mal me conhecem
um pouco por fora...

VI

Jamais imaginam
que o meu interior
bebe por amor
isso vem de outrora

VII

Eu sou só mais um
nesse desencontro
que almejei tanto
e não aconteceu...

VIII

Pela sociedade
eu serei condenado
que julgam o meu lado
sem lembrar do meu eu...

Encontro de poetas

I

Num encontro de poetas
conheci uma poetisa
criei essa poesia
em homenagem a artista
usamos frases iguais
embora dor diferente
por essa paixão presente
sem nunca perder de vista...

II

Essa paixão que conduz
poeta e a poetisa
outro jeito de expressar
eu não conheço nem ela
ideias trocamos sempre
em torno dessa paixão
sem conhecer a razão
porque que causa sequelas...

III

A poetisa me disse
que sofre assim como eu
trabalha essa mesma arte
e almeja também amor
não concluímos conceitos
nos diferentes destinos
no encontro esse pente fino
nos joga na mesma dor...



Eu, o rancho e a chaleira

I

Minha chaleira enfumaçada
de tanto eu matear sozinho
do rangido da porteira
parece ouvir seus passinhos
a sua ausência me mata
e a falta dos teus carinhos
tô igual pássaro abandonado
já durmo fora do ninho...

II

Deitar eu quase nem deito
meu biongo é lá na cozinha
pra falar bem a verdade
nem lembro que cama eu tinha
no chiado da chaleira
atual companheira minha
eu ouço ela me dizendo
na madrugada tu vinhas...

III

É apenas mais um engano
por você minha forasteira
me toco fico sem jeito
diante de você chaleira
ela me desenganou
diz que vai viver solteira
meu sofrer não terá fim
foi minha paixão primeira...

IV

Ao redor desse braseiro
é a vida desse vivente
atiçando alguns tições
pra aquecer esse ambiente
às vezes em alguns cochilos
a chaleira fica fervente
meio assustado me acordo
chimarreando um mate quente...

V

Meu silêncio é interrompido
nessas manhãs permanentes
com o barulho da tropa
e os peões indo ao batente
o galo lá no terreiro
com seu cantar imponente
eu o rancho e a chaleira
lá na cozinha presente...

Fim do namoro

I

O fim de um namoro
que tem me judiado
não sei se eu aguento
passar esse crivo
a paixão explode
cá dentro do peito
vaza pelos poros
me comendo vivo...

II

Sou um homem de calma
não sei ser violento
de um viver pacato
tranquilo, passivo
ela foi severa
no fim do romance
me trocou por outro
não sei o motivo...

III

Segundo uma colega
com quem eu me abri
o mundo é dos espertos
diz ela dos vivos
tenho essa paixão
pela mulher errada
vago pelo orbe*
nem morto, nem vivo...

*orbe = mundo



Há tempo

I

Há tempo eu não vejo
será que ela existe
dos raios dos olhos
será que sumiu
à via na rua
formosa tão bela
a escrevia poemas
de dar arrepios...

II

Era minha musa
e ainda serás
sem sua presença
o poema é frio
o calor humano
que passava às letras
há tempo percebo
das mãos extinguiu...

III

Do seu paradeiro
ninguém dá notícias
uns dizem que viram
outro diz que não viu
a mim o tempo indica
algo muito estranho
minha musa existe
ou ela existiu...

Manuscrito

I

Guardo manuscritos
de antigamente
observo as letras
com todo carinho
os anos passaram
eu envelhecido
às vezes nem percebo
que falo sozinho...

II

Os tempos modernos
em tempo real
tudo é tão veloz
encurta caminho
são mensagens rápidas
eu não acompanho
para mim não demonstram
afeto e carinho...

III

Volto ao manuscrito
que tenho saudades
do brilho nos olhos
ao ler o recado
a escrita moderna
eu acho esquisita
não vejo emoção
são textos grifados...

IV

A escrita manual
tem cheiro de amor
pois fica o perfume
de quem escreveu
acervo surrado
das marcas do tempo
denota um amor
que nunca morreu...

V

Eu leio ao dormir
e volto a ser moço
essa antiguidade
me rejuvenesce
cada letra à mão
toda desenhada
ativa lembranças
meu eu não esquece...



Meias palavras

I

As meias palavras
citei no poema
porém tu entendes
já percebeu tudo...

II

Que ao pensar em você
fico sem ação
as palavras não saem
fico meio mudo...

III

Escrevo o que penso
até meio incompleto
conforme gaguejo
eu tento escrever...

IV

Na mensagem eu insisto
em revelar a paixão
e o amor que lhe tenho
com pouco dizer...

V

o que está escrito
não diz quase nada
é incomparável
com o amor em questão...

VI

As palavras até vem
na ponta do lápis
só cito as metades
as outras se vão...

VII

Mas se observarem
cada letra escrita
na voz do silêncio
sentem vibração...

VIII

De toda a energia
desse amor infinito
completando palavras
que aqui faltarão...

Meio

I

Eu procuro um meio
de dizer a ela
da cruel paixão
que está me matando...

II

No trecho descrito
podem observar
é como se com ela
eu estivesse falando...

III

Escassas gramáticas
devem ter notado
é o meu jeito rude
de se comunicar...

IV

Isso vem de dentro
do meu interior
é paixão nativa
a se lapidar....

V

Espero que a entenda
o que quero dizer
olhando em seus olhos
direi sem receio...

VI

Meio brutalhado
direto ao assunto
revelo esse amor
sem usar rodeios...

VII

Se é o meio eficaz
não tenho certeza
porém é o caminho
que eu encontrei...

VIII

Se a tem amor por mim
só ela responde
que a amo confesso
no meio que usei...



Meio tapeado

I

Meio tapeado
vivo *solito* no rancho
olho no gancho
vejo um bule enfumaçado
são as lembranças
de quem foi e não voltou
sozinho estou
vivendo meio tapeado...

II

Fogão a lenha
defumando os interiores
nos corredores
tento decifrar as senhas
de alguns rabiscos
que com carvão escreveu
o rancho e eu
na esperança de que ela ve-
nha...

III

Tudo é malfeito
o que se faz é meio às pressas
eu sofro à beça
de vergonha ando sem jeito
nas madrugadas
escuto rangir da cancela
acendo a vela
pouso acordado e não deito...

IV

Por alguns *frestos**
eu vejo a lua brilhar
no transitar
vai levando meus protestos
por causa dela
que foi sem me dizer nada
nas alvoradas
nem tapeando eu leio os res-
tos...

V

Qualquer lembrança
vem à tona essa paixão
trançando as mãos
rezo votos de confiança
que eu tenha forças
e garras para lutar
e assim tapear
a solidão minha herança...

**frestos* = vão entre as tábuas das paredes; o mesmo que frestas.

Mensagem direta

I

Em meio as mensagens
sem dizer bobagens
nem seguir triagens
da língua portuguesa
que o doutor interpreta
a palavra correta
a minha é direta
por ela a franqueza...

II

Sem fazer rodeios
mensagens ao meio
não tenho receio
de dizer que a amo
nos verbos infinitos
imagino os bonitos
acordo aflito
em sonhos te chamo...

III

A mensagem é pura
o doutor não censura
minha mente jura
que fiz por amor
sem frescuras nem pontos
desabafo nos contos
por ela sou tonto
imaginem o terror...

IV

Não são linhas certas
que o amor desperta
por esses alertas
o doutor não sofria
nem mesmo as palavras
que ao doutor escrava
se alguém ele amava
sofre as agonias...

V

Sem me preocupar
sonho a imaginar
meu mundo é montar
as letras da mente
no quebra-cabeça
talvez eu esqueça
que a língua mereça
tantos referentes...

VI

Mensagem de amor
não supera a dor
por mais escritor
pela trajetória
no inciso direto
sou analfabeto
só escrevo o concreto
e ela na memória...



Meu chequepe

I

Eu danço com ela
me aflora a paixão
não sei se ela sente
essa mesma emoção
meu sangue pulsando
vibra o coração
mas a dor não cala
me ofega o pulmão...

II

Quis dizer seu nome
mas eu gaguejei
um embargo na voz
de onde eu não sei
me fui pra U.T.I.
pois mal eu passei
não disse ao doutor
que com ela dancei...

III

Depois de um chequepe
me fala o doutor
tu vendes saúde
não tenhas pavor
aqui não vi nada
de onde vem a dor
porém se tu amas
pode ser de amor...

IV

Eu tenho certeza
da minha aflição
fiz um comentário
ali na ocasião
meu remédio é ela
se não for em vão
para a cura um sim
à doença um não...

Meus dias

I

Meus dias sem ela
é uma eternidade
vejo escuridão
não há claridade
como me judiam
aguça a saudade
estar junto dela
é minha vontade...

II

Meus dias sem ela
eu ando sem jeito
até no pensar
sinto dor no peito
à noite zanzando
não durmo não deito
serei condenado
se amar é um defeito

III

Meus dias sem ela
é uma tortura
a saudade é tanta
me leva a loucura
ela sabe disso
que seria a cura
melhoram meus dias
você criatura...

IV

Meus dias sem ela
eu não sei viver
perdido no tempo
não há amanhecer
os dias mais lindos
já deixei de ver
só terão sentido
se ela aparecer...

V

E se ela tivesse
também nostalgias
comigo sonhasse
que a tanto queria
os dias escuros
assim brilhariam
eu e ela juntos
sequenciando os dias...



Meus pelegos

I

Tu lembras dos meus pelegos
te aqueceu nas noites frias
contigo vivi magias
tu me chamavas de nego
saudades desse aconchego
sei o quanto me judia
confesso que eu não queria
viver esse desapego...

II

Nos pelegos tem o cheiro
de você que tanto amei
ainda eu não acordei
imaginem o desespero
ao calcular os janeiros
por onde andas não sei
com você eu tanto contei
foi meu amor pioneiro...

III

Nos pelegos eu passo frio
já percebo a diferença
sem o calor e presença
depois que você partiu
meu viver é por um fio
não quero entrar nessa crença
mas não há inverno que eu vença
porquê que você sumiu?...

IV

Nos pelegos encolhidinho
para ver se eu me esquento
às vezes em alguns momentos
me consolo esquecidinho
intervalos tão pouquinhos
logo liga o pensamento
me dói quaisquer fragmentos
que lembre dos teus carinhos...

V

Já pensei em me desfazer
dos meus pelegos também
vai verão o inverno vem
eu preciso me aquecer
por certo enquanto eu viver
quem sabe vou muito além
até os pelegos já tem
pretextos para te ver....

Meus versos

I

Meus versos sem ela
ficaram vazios
não sinto arrepios
ao ir escrever
nem há o que dizer
pra falar a verdade
não tem igualdade
para compreender...

II

Com ela escrevia
tantos versos bons
me aguçava o dom
pra falar de amor
eu fui escritor
até então renomado
hoje esse legado
só me causa dor...

III

Se ela voltasse
assim num repente
que eu tire da mente
boas poesias
sem sua magia
não escrevo nada
é mente parada
cabeça vazia...



Perigo

I

Um perigo existente
ronda o casamento
é uma inspiração
e não é você
é outra mulher
e você já conhece
toca o nome dela
e me faz escrever...

II

Se eu fosse você
usava o silêncio
é o único jeito
de se precaver
as escritas por ela
nem sou eu que escrevo
apenas pontuo
o seu próprio dizer...

III

Eu paixão por ela
é claro que não tenho
em crises de ciúmes
você pode ver
tu dizes que não
até jura de joelhos
porém em seus olhos
eu consigo ler...

IV

Perigo eminente
como a luz do dia
e isso se arrasta
até ao anoitecer
vamos para cama
a finge estar bem
mas eu já vi lágrimas
te contradizer...

V

Espero que um dia
tu sejas adulta
com os próprios ciúmes
consiga crescer
você é a mulher
há quem amo e me casei
para o resto da vida
pretendo viver...

Poemas da noite

I

Os poemas da noite
pouco se conhece
eu como poeta
penso imaginar
há tantos mistérios
vividos no escuro
que desaparecem
no dia clarear...

II

Talvez sejas isso
que todos os seres
tem sonhos comuns
ao irem deitar-se
quem nunca pensou
em dormir com quem ama
os sonhos existem
tu podes sonhar...

III

E sonhes tranquilo
que a noite não conta
nada para o dia
posso observar
ambos não se encontram
o caminho é o mesmo
os poemas da noite
tenho muito a estudar...



Porteiro

I

O porteiro do prédio
lá de onde eu moro
confiscou a carta
enviada pra mim
ele percebeu
que eu não ia entender
de por ela saber
do romance o fim...

II

Vivi ilusões
quase que uma década
enviando cartas
para o meu amor
ela já com outro
convivia à anos
veio o desengano
eu paguei com a dor...

III

Me disse o porteiro
que ele já sabia
ao longo do tempo
a carta incinerou
foi melhor assim
eu não saber de nada
ela foi amada
mas nunca me amou...

IV

Eu já pensei bem
e agradeço ao porteiro
a sua intenção
de não deixar eu ler
veio só uma carta
ele viu que era um fora
dessa data outrora
eu só ia sofrer...

Primeiras palavras

I

Nas primeiras palavras
me desenganou
para mim não criar
expectativas
disse que me ama
mas só como amigo
a memória de um outro
ainda está viva...

II

Me deixou sem ação
sem saber o que dizer
sei que a alma dela
a minha cativa
elas vivem juntas
nossos corpos não
até quando eu aturo
essa espera passiva...

III

São essas palavras
que tanto me dói
são pontas de lanças
na minha carne viva
mas já comecei
falando desse amor
assim eu concluo
essa narrativa...

IV

Ela foi bem clara
em sua decisão
sem fazer rodeios
bem objetiva
uma reviravolta
eu sei que não existe
porém vou a amar
enquanto for viva...



Quantos poemas

I

Há quantos poemas
inspirados em você
fonte inesgotável
para mim compor
procurei falar
sempre coisas boas
imaginei paixões
ocultei amor...

II

As paixões que vivi
foram quase certas
nessa empolgação
em meio ao calor
no fim do poema
vinha o sofrimento
a paixão não existe
ficava com a dor...

III

Sempre matutando
media as palavras
em forma de desenho
dava tom na cor
como se regasse
um jardim com carinho
porém contra o tempo
nunca me deu flor....

IV

Expôr quantidade
eu não tenho ideia
sequer eu calculo*
falar o valor
isso não tem preço
é tão sentimental
eu não falei da gente
eu falei de amor...

*calculo = vem do verbo cacular

Radar

I

Sei que em todo crânio
existe um radar
mas infelizmente
sempre desligado
o radar da consciência
não nos multaria
se usássemos ele
no modo ativado...

II

Evitávamos acidentes
que é tão corriqueiro
e até nosso bolso
seria poupado
atentar contra a vida
Deus não quer assim
morrer tão precoce
não foi o combinado...

III

Deus deixou o perigo
impondo limites
pra que não sejamos
assim assassinados
ele quer que nós vivamos
por longevidade
mas se esses perigos
forem respeitados...

IV

O radar da consciência
foi Deus que te deu
em respeito a ele
mantenha ligado
lembre dos conselhos
do vô e da vô
saia sempre antes
jamais atrasado...



Rangir da porteira

I

Ao rangir a porteira
estou sempre de olho
vai que sejas ela
pra casa voltando
me plantei no rancho
cheio de esperança
para trás eu não volto
à frente não ando...

II

Fui trabalhador
virei vagabundo
relaxei na vida
fiquei sem capricho
o gado berrando
pedindo comida
me igualei a eles
quase que nem bicho...

III

Um amor destrói
a vida de um homem
picumã no rancho
há até na chaleira
lá quando cochilo
eu sonho com ela
parece que à ouço
abrindo a porteira...

Restos de janta

I

Os restos de janta
ficaram na mesa
eu jantei sozinho
e você não veio...

II

Pra falar a verdade
e até nem jantei
apenas lambisquei
porções pelo meio...

III

Preparei a janta
com tanto carinho
contava contigo
um lindo jantar...

IV

Já esperei de tudo
de você mulher
menos se eu disser
que ias me enganar...

V

Nem janta eu não faço
perdi o apetite
arranjo desculpas
se alguém me convida...

VI

Estou fazendo dieta
não posso comer
quem dera esquecer
você em minha vida...

VII

Quando cai a noite
vem hora da janta
revivo de novo
todo esse cenário...

VIII

Me julguei esperto
que levava jeito
mas tenho no peito
um coração otário...



Rua

I

A rua é de todos
nesse vai e vem
se bem que eu queria
que fosse só dela...

II

Pra mim ver de longe
ela desfilando
transformava a rua
numa passarela...

III

No meio do povo
me oculta a visão
às vezes a vejo
meio por tabela...

IV

De olho comprido
procurando brechas*
às vezes não vejo
as vezes vejo ela...

V

Quando ela vem vindo
me vem à cabeça
enfeitar a rua
com as flores mais belas...

VI

Tirar os espinhos
dos galhos das flores
pra que não machuquem
os pezinhos dela...

VII

Daria preferência
pela minha rua
essa passa em frente
da casinha dela...

VIII

Tapete vermelho
de uma ponta a outra
no meio um mirante
e eu de sentinela...

*brechas = espaço vazio entre as pessoas

Saudade crua

I

Estou de quarentena
e não vejo ela
ela está distante
cá da minha rua
a saudade ingrata
não tem dó de mim
quando lembro dela
me corta de pua...

II

Que bom se eu pudesse
estar junto de ti
você na minha casa
ou eu lá na sua
matando a saudade
que temos um do outro
apesar do tempo
ainda está crua...

III

Se fosse escondida
seria mais fácil
mas nós dois sabemos
que a saudade é nua
está sempre despida
se vê a olho nu
se afastar jamais
tão pouco recua...

IV

Já troquei de quarto
pra ver se amenizo
lá na escuridão
sem réstias de lua
cozinhando o tempo
pra passar os dias
no meu interior
daí que ela encrua...

V

O único jeito
de acabar com ela
seria a presença
minha quanto tua
pois não há remédio
que alivie esse mal
somos vitimados
da saudade crua...



Se eu escrevesse

I

Se eu escrevesse pra ela
e dissesse que a amo
que não é só amizade
mas tenho receio
de estragar a amizade
isso eu jamais quero
embora meu peito
já partido ao meio...

II

Ela lê os meus textos
e até brinca comigo
fala que alguns deles
há bons galanteios
eu ir além disso
avançar o sinal
seria uma gafe
para mim fica feio...

III

Talvez sejas isso
que eu escrevo tanto
textos infundáveis
fazendo rodeios
sempre matutando
em me abrir com ela
mas pela amizade
não encontro meio...

Sem esperança

I

Ouvi dela mesma
esse desengano
revelar que a amo
a ela eu falei
disse que me ama
porém como amigo
lágrimas pingaram
eu não segurei...

II

Sem essa esperança
que aos poucos me mata
se vou amar alguém
eu ainda não sei
fui cego de amor
contava na certa
por essa paixão
também me enganei...

III

Encontro com ela
quase todo dia
mora ao mesmo bairro
que um dia eu herdei
tenho minhas raízes
por ali cravadas
fiz planos em deixar
mas não abandonei...

IV

Deixar minha terra
seria um fracasso
nos criamos juntos
eu a respeitei
ela tem certeza
de que vou sofrer
bem mais que uma amiga
ela sabe que amei...



Sua imagem

I

A imagem que faço
dela ainda hoje
me há uma barreira
é sem definição
algum sentimento
esse existe sim
ao ouvir seu nome
eu tenho emoção...

II

Sei que não à vejo
já faz muito tempo
daí a barreira
me encurta a visão
dizer que a esqueci
estarei mentindo
cada dia que passa
renova a paixão...

III

Espero que a esteja
vivendo feliz
condenar não posso
me diz a razão
seu cantinho continua
aqui no meu ser
no lugar de sempre
no meu coração...

Tamanho

I

Se ela imaginasse
o tamanho da paixão
casaria comigo
assim de imediato
longe de mentiras
meu amor é puro
é algo palpável
concreto é de fato...

II

É um amor imenso
que nem cabe em mim
divido com ela
nesse meu relato
já encontrei com ela
por algumas vezes
ela é poesia
escrevi no ato...

III

Teve um dia desses
que a cumprimentei
ao tocar suas mãos
no momento exato
ela percebeu
que lhe tenho paixão
por minha palidez
eu fiquei sem tato...

IV

Perdi o sentido
por alguns momentos
vergonha em meu rosto
parecia mato
titubeou minhas pernas
eu fiquei sem chão
me vi em montanhas
num relevo chato...

V

Ela educada
percebendo isso
apertou minha mão
me amparou no ato
medir o tamanho
do amor que lhe tenho
eu jamais consigo
resumo o relato...



Tempos de moço

I

Meus tempos de moço
fui galanteador
quantas namoradas
tive no rincão
me resta a saudade
cruel e infinita
que atravessa os tempos
junto ao coração...

II

Meus tempos de moço
eu era mais forte
até uma paixão
toda eu dominava
hoje mais vivido
passei a sofrer
por aquela mulher
que ainda me amava...

III

Dos tempos de moço
sofro as consequências
de tantas travessuras
que na vida eu fiz
a mulher citada
eu não me casei com ela
hoje é dona de casa
uma mulher feliz...

IV

Meus tempos de moço
tudo era alegria
até das paixões
eu dava risada
por ter esnobado
com esses sentimentos
não tenho sossego
na idade avançada...

V

Meus tempos de moço
achei que não findava
que eu ia ser jovem
pro resto da vida
não levei a sério
a paixão que tinha
e perdi para sempre
a mulher mais querida...

Texto artigo

I

O que diz o texto
é o que nos impressiona
o tamanho dele
não diz quase nada
ao falar de amor
com as palavras certas
nos leva ao passado
lembranças da amada...

II

Por isso prefiro
antigas minutas
sem os blá, blá, blás
da modernidade
são textos mais duros
não usam rodeios
decifram a pureza
do amor de verdade...

III

São poucas palavras
mas com toda clareza
nos faz entender
o que é um amor
os textos modernos
cheios de requintes
não tocam no íntimo
nem despertam o calor....

IV

Observo os filósofos
com frases tão curtas
vejo a dimensão
do que quis dizer
cada vez que leio
observando missivas*
resumo que muito
tenho para ler...

V

Sentimentos básicos
tão fundamentais
até nas palavras
estão se perdendo
nesses novos textos
leio locuções*
quanto mais eu leio
menos eu entendo...

*missivas = letras

* locuções = frases



Todo dia

I

Todo dia eu escrevo
pensando em você
idealizo palavras
que nem sei explicar
vou além do tempo
buscar argumentos
e nesse contexto
me ponho a estudar...

II

Palavras estranhas
que cito no texto
poucos estudiosos
conseguem entender
é um vocabulário
que fala de amor
embora não entendam
eu tenho que escrever...

III

É como um profeta
que fala de algo
à frente do tempo
que um dia vai vir
você é a vida
que à vejo tão longe
por isso à escrevo
para vê-la sorrir...

Traição da palavra

I

As palavras não ajudam
conquistar ninguém
se palavra ajudasse
ela me queria
eu já passei noites
ideando cartas
adentrei madrugadas
e até horas do dia...

II

Se elas provocassem
algum sentimento
ao ler minha história
ela sentiria
algumas nem leu
tenho quase certeza
e pra esnobar* de mim
ao me encontrar sorria...

III

A palavra retrata
aquilo que eu sinto
exato na hora
em que eu escrevia
caprichei na letra
imaginei conquista
mas nunca pensei
que palavra traía...

*esnobar = tratamento com desprezo, deboche,



Tranças

I

Nas tranças da minha mente
eu vivo trançando versos
cada vez que penso em ti
dali brotam meus poemas
dura vida de um poeta
encarar esse conceito
sinto fisgadas no peito
aumentando meu dilema...

II

Versos para te esquecer
eu já perdi a quantia
há tantas frases trançadas
que confundem minha mente
a razão diz uma coisa
mas o coração contesta
na atualidade me resta
você de novo presente...

III

No dilema* sigo adiante
fiel nesse meu roteiro
tranço os dedos ao rezar
na fé me mantenho forte
desvendo os ditos da mente
que vem a ser poesias
nos versos você me guia
na trança você meu norte...

*dilema = situação em que nenhuma conclusão é satisfatória.

Travesseiro

I

É mais uma noite
em que só adormeço
o seu travesseiro
sequer eu toquei
pra não sofrer mais
eu nem cheguei perto
por saber que ele é
da mulher que eu amei...

II

Às vezes eu penso
em tirá-lo da cama
uma coisa a menos
a me preocupar
mas não sei se faço
talvez não seja o certo
como tudo muda
tu podes voltar...

III

De noites em noites
meia mal dormidas
ainda que remotas
assim eu espero
não serei feliz
outra usando-o
até pelo perfume
só você eu quero...

IV

Uma segunda dona
nesse travesseiro
vai dar confusão
eu explico porque
que meio sonhando
em altas madrugadas
eu abrace a outra
e chame por você...

V

São assim minhas noites
na ausência tua
na cama sozinho
sou eu e mais eu
tudo que deixastes
eu sou proprietário
até dessa cama
mas o travesseiro é só seu.



Último poema

I

Meu último poema
que vou lhe enviar
não escrevo mais
falando de amores
que nós nos amamos
eu não tenho dúvidas
mas esses poemas
só me causam dores...

II

Os amores que eu falo
nem sempre é o nosso
aí mora o perigo
de nos separar
caí em depressão
se isolando do mundo
num canto em silêncio
com medo de amar...

III

Entregar o coração
a uma outra pessoa
eu sei que é difícil
pra mim e pra ti
amor paliativo
eu já tive aos montes
mas igual a esse
não sei se eu vivi...

IV

Escrever em segredo
até de mim mesmo
seria um caminho
mas não vai vingar
um coração frágil
assim como eu tenho
ao ler o esboço*
não iria aguentar...

V

Minhas últimas frases
aqui nessa estrofe
separa o poeta
do homem que sou
e o meu coração
de tantos amores
diz dentro de mim
só você ele amou...

*esboço = rascunho

Um jovem

I

Não é desabafo
o poema que faço
de glórias e fracassos
que meu ser viveu
a mim mesmo unido
eu não fui vencido
e o jovem sofrido
não envelheceu...

II

Os tempos modernos
não serão eternos
mas eu sou o cerne*
que não apodreceu
o jovem persiste
não me deixa triste
ele ainda existe
em torno do meu eu...

III

Assim que me vejo
a todos desejo
tudo que eu almejo
não só para mim
antigo não sou
o tempo passou
e o jovem ficou
permanece enfim...

IV

Um jovem maduro
ninguém eu censuro
apenas procuro
ver grandeza no ser
sou bem desse jeito
não há preconceito
pra muitos é um defeito
não conseguem crer...

V

Um corpo ancião*
mas a alma não
sou o mesmo cristão
entre as criaturas
um jovem feliz
da velhice eu fiz
a alegria matriz
que muitos procuram...

*cerne = centro

*ancião = velho



Um poeta

I

Eu sou só um poeta
nada mais que isso
escrevo meus versos
e falo de paixão
ninguém imagina
que sofro calado
não sou diferente
tenho um coração...

II

Acabo me envolvendo
em paixões dos outros
eu não gostaria
que isso fosse assim
mas a paixão é única
abrangendo um todo
nos afunilando
leva ao mesmo fim...

III

Já quantos relatos
escrevi pensando
deixar meus problemas
quietinhos de lado
no fim das escritas
em segredo pressinto
dentro do meu eu
um homem apaixonado...

IV

Por ela ser única
não existe divisor
que dite a clareza
de como escrever
está dentro de nós
sou igual a vocês
falo dessa paixão
que também posso ter...

V

Além das paixões
que são próprias de mim
eu sofro a dos outros
no meu relatar
um coração frágil
que me mantém vivo
não faz outra coisa
a não ser amar...

Uma bola, um menino e uma paixão

I

Levou a paz pelo mundo
com uma bola no pé
nem é preciso dizer
aos torcedores de fé
quem nunca liga ao esporte
também já sabe quem é
de novo junto ao Garrincha
nosso saudoso Pelé...

II

Do alto tu nos assiste
Pelé tu não nos deixaste
ouça os gritos nos estádios
dos gols que você marcou
pra nós tu foste uma estrela
que aqui na terra brilhou
Deus quis você lá no céu
pois ele também te amou...

III

Nasceu em três corações
o Pelé nosso menino
no seu futebol de várzea
com a bola mostrava mimo
passou por clubes de bases
onde se faz pente fino
mostrou o talento que tinha
assim se fez o destino...

IV

Jogava como ninguém
deixo aqui na poesia
fica na memória os gols
que este rei Pelé fazia
porém a morte traiçoeira
eu sei que não driblaria
mas lá no campo divino
mostrará sua magia...

V

Deus almejou nosso atleta
por isso ele recolheu
na luta contra o pecado
até agora ninguém venceu
nosso Pelé abriu portas
que a muitos não se rompeu
seguiremos na sua fé
meu rei o legado é seu...



Uma garrafa

I

Mais uma garrafa
eu tomei no bar
que perdi as contas
de quantas bebi
era pra esquecer
você de uma vez
mas lembrei que bebo
por causa de ti...

II

E de bar em bar
fui bebendo todas
adentrei as noites
passei madrugadas
as portas fecharam
só eu de cliente
pedindo ao garçom
mais uma gelada...

III

E de uma em uma
caí no alcoolismo
fazendo fiasqueiras
não lembro de nada
só sei o motivo
do porquê que bebo
pela paixão que tenho
por você danada...

IV

Pra piorar ainda
o dom da poesia
convive comigo
desde que nasci
não a esqueço nunca
lembro quando bebo
ao me encontrar sóbrio
leio o que escrevi...

Uma noite

I

Era só uma noite
para dormirmos juntos
mas não foi bem isso
que me aconteceu
nas noites seguintes
sinto sua falta
já fazendo parte
desse sonho meu...

II

A um amor tão curto
que se acaba em nada
num piscar de olho
tudo amanheceu
seria viável
se eu tivesse sim
o peito de pedra
e um coração ateu...

III

Para você foi fácil
eu fui só mais um
da então clientela
que tu escolheu
se estiver com outro
faça seu esforço
e lembre com carinho
também do meu eu...

IV

Mulher carinhosa
de um jeito tão certo
em minhas noitadas
não apareceu
talvez até exista
nesse elenco todo
mas igual a você
para mim não nasceu...

V

Meu coração à noite
me tortura na certa
embora com outra
ele não aprendeu
murmura no peito
clama por você
para ele aquela noite
até então não morreu...



Versos caseiros

I

Meus versos caseiros
dedicados a ela
sem se preocupar
com a literatura
não são falquejados
em bancos colegiais,
no entanto, jamais
a verdade censura...

II

Sem seguir os verbos
nem conjugação
mas fala o que sente
na totalidade
são versos caseiros
linguajar direto
vive o amor concreto
não há falsidade...

III

Não são lapidados
bem rudimentares
de modos caseiros
ou de simples tendas
retrata a pureza
magnífica da flor
e compara ao amor
que não vejo à venda...

IV

O teor da pureza
de dizer a verdade
com palavras simples
que poema requer
só os versos caseiros
sem a mente confusa
pois se trata da musa
no meu caso a mulher...

V

Não há faculdade
que tenha no mundo
a revelar a certeza
nem há conselheiro
pra falar de amor
um sentimento nato
somente os relatos
dos versos caseiros...

Versos selvagens

I

Os versos selvagens
falavam de amor
nos dias de hoje
ainda se fala
não com a pureza
lá daquele tempo
os refinados de agora
até então não se iguala...

II

Lá se amava o ser
de todo o coração
não tinha a malícia
que se tem agora
quer ler um poema
de alto gabarito
vá aos versos selvagens
que se fez outrora...

III

As novas palavras
que foram criadas
não se igualam nunca
só dizem bobagens
não respeitam uma dama
como deveriam
que tão só persistem
nos versos selvagens...



Viver com ela

I

Eu vivo com ela
mas penso na outra
aqui no poema
nem sei quem é a musa
frias madrugadas
idealizo versos
mas vivo o inverso
as ideias se cruzam...

II

Eu já passei noites
nos braços da amada
sentindo o calor
dessa outra mulher
até então sou honesto
não penso em deixar
se a paixão vingar
a ideia requer...

III

Essa outra bênção
quem sabe divina
nas melhores frases
ela está presente
eu já tive musas
que eu tirei de letras
mas essa capeta
não me sai da mente...

IV

Sem inspiração
vago pela noite
de cômodo em cômodo
me vou pra janela
ideias da outra
me vem pelo vento
me aguça o talento
eu escrevo pra ela...



José Diomar Bandeira

Contato

Telefone e WhatsApp: (49) 991158641

E-mail: poesiasbandeira@gmail.com